

CAMINHOGRAFIA URBANA N.11

Eduardo Rocha¹
Celma Paese²

Caminhar e cartografar, no processo, antes-durante-depois ou num entre-lugar e entre-tempo. Essa é a proposta da PIXO 11 CAMINHOGRAFIA URBANA: reunir escritos, artigos, ensaios e ensaios visuais que versem sobre diferentes modos de acontecer a experiência da apropriação espacial pela caminhografia. Os trabalhos foram enviados de diferentes regiões do Brasil, América do Sul e Europa, assim formando uma espécie de atlas da caminhografia e das diferentes experiências e aproximações da ideia.

A contemporaneidade do tema é afirmada pela multidisciplinaridade dos autores e a diversidade de artigos e paredes brancas nos dois volumes. O primeiro é a Pixo 11, que versa sobre o caminhar urbano, suas origens, experimentos pioneiros e referenciais teóricos. Já a revista Pixo 12 irá versar sobre temáticas tangenciais e atravessadoras da caminhografia urbana.

Os desenhos na capa e nas aberturas de seção são obra da artista-arquiteta Fernanda Fedrizzi, enquanto a editoração e intervenção nas imagens são de autoria da arquiteta Taís Beltrame dos Santos, sendo frutos das experiências realizadas na disciplina de *Caminhografia Urbana*, ministrada no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFPel, durante o 2º semestre de 2019.

Ambos os números são introduzidos pelo nosso autor convidado, Fernando Fuão, que ensaia o tema da domesticação humana em *Sobre Cadeiras e Clareiras* (parte 1 e 2). O texto se desenvolve a partir da obra de Peter Sloterdijk, *Regras para o Parque humano* (2000). No texto, Fuão procura mostrar o quanto somos domesticados para criar arquiteturas e corpos que habitam o universo considerado esteticamente aceitável, enquanto o Outro, o des-enquadrado da domesticação, o que carrega a diferença, vem questionar a existência regrada pelo o que é considerado correto, quando se mostra como alternativa a nossas ansiedades e inquietações. Porém, nem sempre desejamos vê-lo como tal.

Na seção artigos e ensaios temos:

Caleidoscópio Urbano mostra os olhares moventes de Sandra Espinosa Almansa, filósofa, sobre a cidade, a partir da experiência do caminhar como prática estética, os modos de ver a paisagem e viver encontros que produzem efeitos na invenção de nossas próprias paisagens, singulares e coletivas.

Caminhar, Narrar, Mapear, Relacionar e Analisar: verbos de uma cartografia errante,

¹ Professor Associado no Departamento de Arquitetura e Urbanismo (DAUrb), da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAUrb), da Universidade Federal de Pelotas (UFPel); e Pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU/FAUrb/UFPel), na Área de Concentração Arquitetura Patrimônio e Sistemas Urbanos, Linha de Pesquisa: Urbanismo Contemporâneo. Doutor em Arquitetura (PROPAR/UFRGS, 2010) e Pós-Doutor pela Università Roma Tre (Dipartimento di Architettura/Laboratorio Circo/Stalker, 2019).

² Professora Permanente do PPGAU Programa de Pós-Graduação em Projeto de Arquitetura e Urbanismo da FAU UNIRITTER, onde coordena o Projeto de Pesquisa e Extensão Cartografia da Hospitalidade. Pós-Doutora PNPd CAPES no PPGAU-Mestrado associado Uniritter-Mackenzie, Graduada em Arquitetura pela UNIRITTER (1985). Mestrado (2006) e Doutorado (2016) em Teoria, História e Crítica da Arquitetura no PROPAR-UFRGS.

do arquiteto, de autoria do arquiteto e urbanista Gustavo de Oliveira Nunes e da psicanalista Carla Gonçalves Rodrigues, apresentar um método de apreensão da cidade na perspectiva cartográfica, pela experiência do caminhar nas bordas do tecido urbano da cidade de Pelotas.

Cartografia que Caminha: transurbanogramas da Ilha de Santa Catarina, do arquiteto e urbanista Evandro Fiorin, propõe uma possibilidade de leitura da Ilha de Santa Catarina por cartografias criadas pelo caminhar investigativo e perspicaz, como uma tentativa de percepção das imagens que nos atravessam e que atravessamos, por entre os caminhos formados por algumas das vias de passagem da porção insular de Florianópolis.

Construir la Otridad para Co-construir Conocimiento: reflexiones en torno a herramientas metodológicas para caminhar, de Lucia Antonela Mitidieri, arquiteta e urbanista, propõe criar uma cartografia que possa expressar e refletir sobre metodologias e técnicas que estimulem o diálogo com o Outro e suas racionalidades alternativas. A percepção e diálogo com o universo espacial do outro pela caminhografia é visto como alternativa para a construção de conhecimento.

(Re)Encontros entre Corpos Urbanos: um relato de experiências didáticas errantes, da arquiteta e urbanista Juliana Michaello Macêdo Dias, apresenta experimentações conduzidas com estudantes de arquitetura, urbanismo e design. Nas experiências didáticas, as práticas errantes e seus desdobramentos são utilizados para chamar a atenção da importância da reflexão sobre a apropriação e vivência dos espaços da cidade pelos corpos dos futuros arquitetos.

Deriva, Delírio, Devaneio: modos de caminhar e perceber a cidade, do arquiteto e urbanista Carlos Henrique Magalhães de Lima, é uma especulação teórica desenvolvida sobre as noções dessas três palavras, a partir de diferentes tempos e espaços urbanos na segunda metade do Século XX: da Deriva Situacionista; da Nova York delirante de Koolhaas e do devaneio presente em uma das passagens do Relatório sobre o Plano Piloto de Lucio Costa. Neste ensaio, estas palavras contribuem para tecer uma reflexão focalizada no Plano de Brasília.

Uma Experiência de Caminhografia Urbana no Porto de Pelotas: diálogos entre o patrimônio e o estudo de arquitetura e urbanismo, é um trabalho do grupo de jovens arquitetos e professores, Luana Pavan Detoni, Guilherme Pinto de Almeida, Karolina Dias Lopes Fernandes, Gabriel Silva Fernandes. O estudo se centra nos modos de transitar e experimentar a cidade em meio aos seus espaços, suas histórias, seus diferentes significados e suas múltiplas camadas de significação. A experiência confrontou o paradigma do positivismo lógico em estudar a arquitetura da cidade, a partir da subversão e sobreposição de procedimentos tradicionais, como o levantamento topoceptivo e as narrativas históricas.

Cartografar Pequenas Cidades no Nordeste Brasileiro, caminhos percorridos, de Eduardo Gomes Machado - sociólogo, Jorge Luiz Oliveira Lima - bacharel em humanidades, Regina Balbino da Silva - geógrafa e Nathalia Alves de Oliveira - bacharel em humanidades, pesquisa o cotidiano urbano experienciado pelas juventudes que estudam na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), uma universidade federal pública, com três campi e quatro mil estudantes no Ceará.

O Corpo Mulher que Caminha: caminhografia na cidade de Pelotas, das mestrandas em arquitetura e urbanismo Taís Beltrame dos Santos, Carolina Frasson Sebalhos e Vanessa Forneck, versa sobre os atravessamentos que as impeliram enquanto

caminhógrafas que percorreram as intraurbâncias da sua cidade. O artigo conta também sobre o processo da disciplina caminhografia urbana, os jogos propostos e as ferramentas utilizadas para mapear as subjetividades.

Apreensões no Espaço Urbano: uma abordagem imersiva ao caminhar na cidade de Pelotas/RS, da arquiteta Emanuela Di Felice e do engenheiro Matheus Barbosa, apresenta o caminhar como ato urbano, performático e pessoal, cuja ação procura adentrar em diferentes localidades com o intuito de explorar os conflitos e nuances da cidade contemporânea.

A Paisagem da Cidade Pequena: variabilidade visual experienciada pelo caminhar, das arquitetas Auriele Fogaça Cuti e Natalia Naoumova, mostram como os elementos da paisagem natural e as edificações são os principais responsáveis pela variabilidade visual nesses ambientes urbanos, onde o caminhar é um dos principais meios de locomoção.

Praticar a Cidade por Meio do Desenho: maneiras de abordar e gerar ruídos no tecido urbano, dos artistas Pedro Elias Parente da Silveira, Eduarda Gonçalves e Clóvis Martins Costa, discorre sobre o desenho como uma das formas de compreender a cidade, quando o corpo e o caminhar são entendidos como meios para a realização de procedimentos de desenho que fazem analogia ao ato de desenhar e que permitem outros modos de vivenciar, incidir e pensar o espaço urbano.

Errâncias Urbanas no Plano Piloto de Brasília, do arquiteto e urbanista Leandro Souza Rosa e da arquiteta Maribel Aliaga Fuentes, procura relacionar a Internacional Situacionista (I.S.) à Brasília através de uma experiência prática e de sua subsequente análise teórica, com vistas a verificar se os espaços do Plano Piloto de Brasília são de difícil apropriação pelo pedestre e como as ideias e práticas situacionistas podem contribuir para facilitar essa apropriação.

A Escolha dos Percursos Urbanos Feitos por Usuários Idosos: como os diferentes tipos de deslocamento interferem na percepção dos elementos que estruturam a imagem da cidade, dos arquitetos do Laboratório de Estudos Comportamentais da UFPel, Luiz Gilberto Silva Júnior, Adriana Araújo Portella, Nirce Saffer Medvedovski e Fernando Henrique Nascimento Kikuchi, tem o objetivo de avaliar os percursos de usuários idosos através dos trajetos de mapas mentais caminhanes.

Voyerismo Urbano: observar la ciudad a través de los cuerpos, da arquiteta Mónica Díaz Vera, toma como base o questionamento do corpo humano e sua experiência no espaço urbano, para conhecer, situar e questionar as diversas experiências políticas, físicas e emocionais provenientes dos encontros que se sucedem.

Para incitar os sentidos através da imagem e vídeo finalizamos este primeiro volume com quatro experiências caminhocartográficas distintas, apresentadas na Parede Branca:

[Carta...Gráfias...Moventes], do grupo formado por: Pedro Elias Parente da Silveira, Eduarda Gonçalves, Fernanda Fedrizzi, Tatiana Duarte, Juliana Chacon, Jahan Leão e Cibele Gil, apresentam uma coleção de mapas-carimbos explicitamente inspirados na Poesia Concreta.

Cartografia sonora da Avenida Ganzo, de Celma Paese, Pedro Debiazi, Gabriela F. Mariano, Rui Fernando S. Alves Junior e Volnei K. Monteiro convida através de vídeos e imagens-experiência a olhar com os ouvidos e escutar com os olhos, enquanto o caminhar desenha a cidade, suas percepções e lembranças.

Caminhar em Montevideo, da artista Kelly Wendt é composta por desenhos em perspectiva aérea, um sobrevoo, da cidade de Montevideo realizados durante residência artística, destacando lugares e memórias .

Cartografia do Olhar: a verticalização de Porto Alegre, de Manuela Catafesta, Jânerson F. Coelho, Agnes C. Silva e Íris Petiz L. Aguirre mostra uma caminhada cartográfica promovida pelo Projeto de Extensão: Arquitetura sob Lentes, vinculado ao curso de Arquitetura e Urbanismo Centro Universitário Ritter dos Reis, que teve como objetivo sensibilizar os alunos participantes para a valorização da arquitetura moderna e fotografia gaúchas. Guiados pelos docentes do projeto, os participantes da atividade foram convidados a visitar e fotografar sete edificações que retratam a verticalização urbana da cidade em meados do século XX: edifícios Imperial, Sulbanco, Sulacap, Jaguaribe, Guaspari, Palácio do Comércio e Pavilhão de Exposição do Estado (Mata-borrão).

Desejamos uma boa leitura e futuras caminhografias a todos!